

**LAS MUJERES ESPAÑOLAS, PORTUGUESAS Y AMERICANAS  
EM SUA HISTORICIDADE**

**Edméia RIBEIRO\***

**Resumo:** *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, coleção produzida na década de 1870, condensa e representa a história da Espanha oitocentista. Expõe, através da linguagem iconográfica e textual (cromolitografias e artigos monográficos), o ideal e o desejo de quem já havia tido grande influência no mundo - poder territorial, político, militar e econômico – e procura expressar – por meio da temática feminina, dos conteúdos, concepção do projeto gráfico e noções de mundo – características nacionais espanholas. Este artigo trata da historicidade desta obra apresentando reflexões sobre os aspectos editoriais do período em que foi produzida e algumas considerações acerca de seu surgimento naquele momento.

**Palavras-chave:** Espanha, coleção *las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, litografias, *costumbrismo*, século XIX, aspectos editoriais.

**LAS MUJERES ESPAÑOLAS, PORTUGUESAS Y AMERICANAS  
EM SUA HISTORICIDADE**

**Abstract:** *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, a collection produced around 1870, sums up and represents the history of Spain, in the Eighteenth Century. It exposes, by iconographic and textual languages (chromolithographies and monographic articles), the ideal and the desire of those who already had had great influence in the world - territorial, political, military and economic power – and it tries to show – using the feminine subject, the contents, the graphic project concept and notions of what the world is – national spanish characteristics. This article cares about the historicity of this work, presenting reflexions about the editorial aspects of the period in which it was produced and some other considerations about its rise, on that moment.

**Keywords:** Spain, *las mujeres españolas, portuguesas y americanas* collection, lithographies, *Costumbrismo*, Nineteenth Century, editorial aspects.

---

\* Edméia Ribeiro é Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina – UEL - Londrina/Pr – Brasil - e-mail: [edmeialondrina@uel.br](mailto:edmeialondrina@uel.br)

No final do século XIX, a Espanha, já um pouco esquecida em sua vigorosidade de outrora, primou por produzir uma obra composta por imagens e textos denominada *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, e que revelava, na sua essência, aspectos gloriosos do passado e distinção daquele povo conquistador.<sup>1</sup>

Observada atentamente, percebe-se que esta coleção materializa um discurso sobre a nação espanhola, evidenciando elementos que caracterizam o ser nacional. Para isso, trouxe a público, através de litografias e textos monográficos, representações simbólicas de mulheres em diferentes e singulares espaços, lugares, funções e atividades, ambientes, hábitos, costumes e vestimenta. Frente aos avanços vivenciados por toda a Europa nos oitocentos, a perda de seus territórios além-mar e a influência que nações européias vinham conquistando dentro da própria Espanha – a França, por exemplo –, desejou mostrar sua história de glória, poder e magnitude. A forma como foi organizada essa obra – tema, discurso ideológico, conteúdo, membros participantes – evidencia elementos do caráter nacional e mostra a grandeza e importância do seu passado e das suas ações, como a expansão civilizadora. Traz discursos e representações sobre diversos espaços territoriais nacionais e também fora da Espanha - Portugal, Filipinas e Américas. Essa publicação integra e preside o discurso sobre o aspecto nacional e imperial, o significado e o lugar da Espanha naquele momento, evidenciando o único poder que lhe havia restado: o cultural.

Produzida na década de 1870 – especificamente nos anos de 1872, 1873 e 1876<sup>2</sup> –, idealizada pelo editor D. Miguel Guijarro, está organizada em três volumes formatados com artigos escritos por diversos literatos e periodistas. Um quarto volume, composto por litografias coloridas – cromolitografias - pintadas por artistas espanhóis - conforme consta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - era opcional, pois as mesmas foram comercializadas separadamente dos volumes textuais.<sup>3</sup> A litografia foi descoberta, por acaso, por Alois Senefelder. Essa tipologia de imagem constituía-se em produção mais acessível financeiramente, de fácil reprodução e divulgação.<sup>4</sup> Charles Blanc considera que a vantagem da litografia “(...) reside en que se adapta talvez mejor que outro procedimiento y con mayor flexibilidad, a descubrir el genio, carácter o temperamento de cada maestro, ya que no exige intervención extraña alguna.”<sup>5</sup> Durante o século XIX, essa técnica que esteve ligada ao desenvolvimento da imprensa, foi um dos sistemas mais utilizados para a ilustração de livros. A litografia contribuiu com a disseminação do consumo de imagens por constituir-se em uma

técnica mais barata e por facilitar a reprodução de imagens e até mesmo de fotografias.<sup>6</sup>

Essa coleção foi elaborada a partir de uma estética denominada *costumbrista*. O *costumbrismo* foi um gênero artístico bastante utilizado na Espanha para retratar cenas do cotidiano e do comum, dos tipos e costumes e teve grande expressão em periódicos, nas pinturas, na literatura e no teatro. Busca descrever cenas e tipos originais e representa o desejo de imobilizar uma situação.<sup>7</sup>

A publicação traz expressa na capa o objetivo do editor, qual seja, o de representar a singularidade de mulheres e de diversos espaços territoriais:

*Tales como son: en el hogar domestico, en los campos, en las ciudades, en el templo, en los espetaculos, en el taller y en los salones. Discripcion y pintura del carácter, costumbres, trajes, usos, religiosidad, belleza, defectos, preocupaciones y excelencias de la mujer de cada una de las provincias de España, Portugal y Américas Españolas.*

Tal produção vale-se de duas categorias distintas de linguagens: a textual e a imagética. Além dessa dupla forma de comunicação, diferentes também foram as abordagens dos espaços nacionais representados e os conteúdos designados. Percebem-se destacadas, nos artigos que referenciam a Espanha, mulheres representadas pelos atributos físicos – beleza, formosura, graça –, morais – maternidade, educação, altruísmo – e vinculadas ao progresso, honra da família e da pátria. Nas gravuras espanholas, foram litografadas imagens de mulheres comuns, revelando ambientes, lugares, funções, atividades e a singularidade dos trajes femininos. As narrativas sobre a América trazem outra conotação a respeito da simbologia feminina. Grande parte das litografias retrata mulheres com perfis e posturas aristocráticas, perceptíveis pelo vestuário, ambientes e semelhanças com as espanholas. Nos discursos monográficos, os autores apresentaram tipos nativos e misturas raciais, mas sobrepuseram em suas falas as mulheres de descendência espanhola, as brancas, consideradas damas e senhoras da sociedade. A outra parte evidenciada nos artigos americanos foram os aspectos naturais – como a geografia e natureza -, políticos e históricos das regiões descritas.

Partindo do que já fora explicitado, a coleção *Las mujeres españolas* carrega consigo e representa a epopéia política da nação que a produziu. O século XIX

espanhol, partindo de 1808, apresenta um cenário de transformações, com revoluções, avanços e recrudescimentos característicos do seu sistema político e ideológico. O triunfo do liberalismo e o desenvolvimento da imprensa marcaram de forma indelével a cultura, a política e a economia desse espaço. Mesmo com o retorno de D. Fernando VII ao poder e as restrições à liberdade de expressão, novas relações sociais entre os indivíduos já haviam sido construídas, e para essa questão não havia mais como voltar atrás.<sup>8</sup> De acordo com Jean-François Botrel, desde 1836 a Espanha passou a viver sob o regime de livre empresa - “*libertad industrial*” -, e o exercício do ofício do livro, da imprensa e tudo que rodeava a comunicação ficou resguardado pela garantia do direito de propriedade – inclusive intelectual. Lembra ainda que, naquele século, fatores peculiares e gerais já intervinham no processo social de comunicação. Desenvolviam os meios de impressão e de comunicação e a escolarização sofria também certa elevação, embora o crescimento considerável da alfabetização dar-se-ia somente entre os anos de 1860 e 1920. Dessa forma, aumentavam os produtores de bens literários, os níveis culturais e os intermediários comerciais especializados – entenda-se, os livreiros. Mesmo consideradas todas essas transformações, a leitura ainda não fazia parte da vida da grande maioria das pessoas; em 1890, segundo Botrel, somente uma terça parte da população sabia ler e escrever.<sup>9</sup>

A partir de 1871, a sociedade espanhola assistiu a uma onda de crescimento com a criação de bancos, progresso do correio, crescimento e melhorias nos meios de comunicação e maior sociabilidade – desenvolvimento de fatores materiais, institucionais e culturais. Esse panorama contribuiu para o estabelecimento e auge da comunicação social, em especial pelos meios impressos. Reflexo desse quadro está no fato de que cresceram mais de três vezes as publicações entre 1868 e 1914.<sup>10</sup>

A evolução técnica da produção do impresso constituiu-se em um dos fatores chave do desenvolvimento da comunicação, com a mecanização, barateamento dos custos e massificação da produção. A impressão com máquinas a vapor popularizou-se a partir de 1870 e possibilitou a produção de encadernações mais requintadas e pomposas.<sup>11</sup> Embora a Espanha tenha vivenciado a aceleração da impressão em função de meios mais modernos, não deixou de utilizar práticas antigas de impressão, pois o progresso da comunicação impressa afetou o território espanhol de maneira desigual: “(...) *las zonas más rurales todavía permanecem con frecuencia alejadas de este fenómeno.*”<sup>12</sup>

Devido ao quadro político instável que a Espanha apresentava, mesmo com o desenvolvimento da impressão, as publicações de livros e periódicos sofreram

diversos reveses. Botrel lembra que, depois da Revolução de 1868, permaneceu a liberdade para publicar, sem entraves, qualquer assunto. Nesse ano foi instituída a liberdade de imprensa, reconhecida pelo *Decreto-Ley de 23 de octubre de 1868* e garantida pela *Constitución de 1869*<sup>13</sup> – que deixou de ser cumprida a partir de 1874, devido à Restauração, ou seja, o retorno dos Bourbons ao poder. De 1868 até 1913, o número de títulos de periódicos passou de 521 para quase 2000, sendo que alguns aumentaram a quantidade de tiragens.<sup>14</sup> Miguel Martínez Cuadrado também aponta o ano de 1868 como o propulsor das liberdades editoriais, através de decretos e ordens que acabavam com todos os tipos de censura, mas destaca que a liberdade total dar-se-á somente a partir de 1883, quando a imprensa alcançou importância e estabilidade. Revela ainda que outro aspecto que referencia as produções, publicações e impressões na Espanha refere-se ao intercâmbio intelectual que mantinha com a França. O consumo de bens culturais diversos, desde as notícias de Paris até os padrões de moda, denotava o grau de dependência da primeira em relação à segunda nação.<sup>15</sup>

Um fator que contribuiu para com o sistema de produção e disseminação de impressos alude à produção, reprodução e consumo de imagens. O século XIX foi a época em que a ilustração de livros propagou-se. A litografia como técnica menos complicada e onerosa contribuiu com a disseminação das imagens em periódicos e livros. Viveu-se, neste momento, a era da reprodutibilidade, e as artes gráficas ganharam espaço tal qual a imprensa.<sup>16</sup> Ilustrações foram colocadas em massa no mercado através dos diversos meios disseminadores de informação.

A Espanha produziu várias coleções compostas de litogravuras e textos desde a primeira metade dos oitocentos. Observa Contreras que,

*Enamorados de las bellezas de España, los artistas románticos ven en la litografía el medio de divulgarlas contribuyendo a la estimación de lo español en el romanticismo europeo. (...) A mediados del siglo XIX se publicaron en España libros ilustrados que pueden figurar entre los más bello que há salido de prensas españolas.*<sup>17</sup>

Coleções *costumbristas* consistem em representações dessa explosão de publicações editadas com gravuras. A capacidade comunicativa dessas obras – e também dos periódicos ilustrados – atingem um maior número de pessoas, uma vez que oferecem dois tipos de linguagens, a escrita e a imagética.<sup>18</sup> *Las mujeres*

*españolas, portuguesas y americanas*, concebida e editada por Miguel Guijarro, insere-se nesse período de massificação das produções ilustradas. Livro extenso e pomposo – três volumes com boa qualidade gráfica e material luxuoso e cromolitografias de mulheres cuidadosamente caracterizadas -, marca pela sua pretensão, tanto em relação ao conteúdo – exuberância e glória da nação – como também pela forma como foi concebida, elaborada e editada.

Guijarro dedicou-se a publicar obras que se constituíram em sucesso editorial na segunda metade do século XIX, como é o caso da literatura satírica. Um dos exemplos diz respeito ao *Tesoro de los Chistes*, recompilação de piadas feitas por Manuel de Palácio e Luis Rivera, em dois tomos, que teve grande aceitação e vendagem entre o público leitor. Assim, fundou seu estabelecimento na década de 1860, adquiriu notoriedade e um capital considerável. Marie-Linda Ortega observa que poucas e obscuras são as informações que referenciam esse editor, a ponto de não constar seu nome nos dicionários biográficos mais importantes. Muitos autores que colaboraram com a coleção *Las mujeres españolas* são nomes recorrentes no catálogo de publicações desse editor. Foi responsável por introduzir uma nova forma de relação entre editores/impressores por um lado e autores por outro, na medida em que transformava estes últimos em espécie de assalariados.<sup>19</sup>

Miguel Guijarro, em um curto período de tempo, duplicou as atividades do seu empreendimento; de 1862 até 1864, encontrava-se nas publicações a caracterização *Librería de Miguel Guijarro* e, a partir do ano seguinte, somou-se outra função, ficando denominada como *Imprenta y Librería de Miguel Guijarro Editor*. Distinguiu-se também pelo tamanho e ambição das suas empresas editoriais.<sup>20</sup>

Outro indício de seu sucesso empreendedor está na ilustração como estratégia editorial. Grande parte de suas publicações contém imagens, principalmente por contar com a colaboração de muitos pintores da época. Uma das obras mais características, no que tange ao cuidado especial e esmero que mantinha com as ilustrações, refere-se à *Las mujeres españolas*. Ortega relata que na tradição e estilo *costumbrista* essa coleção significa a sua obra mais importante, pela extensão e tamanho – 3 volumes de 42 cm com produções monográficas – e pela notável qualidade tipográfica e iconográfica – com as cromolitografias.<sup>21</sup> Quanto ao anúncio veiculado sobre ela, a autora credita “(...) a la mejor prosa publicitaria de la época (...)”  
Cita:

*Esta lujosísima e importante obra esta terminada y consta de tres tomos marca folio mayor. La ilustran 82 primorosos tipos de mujer de cada una de las provincias de España, Portugal o Estados de América, hechos al cromo, a propósito, se si quiere, para adorno de un salón; constituyendo el conjunto de ellos una verdadera y magnífica galeria de cuadros de los más célebres pintores españoles contemporáneos. Siendo esta obra un verdadero monumento del arte y de la literatura que há de honrar la España y las personas que la adquieran, en muestra de lo reconocimiento de las mismas, cada ejemplar llevará una hoja, que deberá colocarse al frente del tomo primero, con el nombre del suscriptor y número del orden de la suscripción. Su precio en rústica, 1640 reales. Tenemos tapas especiales de gran lujo para encuadernar esta obra, que se vendem por separado.<sup>22</sup>*

Com parca divulgação, poucas são as informações sobre o processo de fabricação da coleção, exceto pelo evidente talento organizador do editor. Na seção de manuscritos da *Biblioteca de Madrid* existe uma grande relação de cartas trocadas entre editor e colaboradores, que evidenciam parte do processo de construção da obra.<sup>23</sup> Segundo Ortega, nessas cartas alguns colaboradores requisitavam dinheiro, outros pediam - ou se ofereciam – para fazer parte de sua realização. Também são várias as correspondências trocadas entre ilustradores – litógrafos – e editor. Os sinais apontam para um projeto que gozava de grande fama no meio editorial e literário da época.<sup>24</sup>

Considerando as informações acima e a observação da coleção, notam-se, na concepção desse livro, manifestações artísticas, literárias e técnicas que simbolizam, exprimem e trazem elementos modernos. Sob os auspícios da modernidade estava também o tom político de sua produção e as formas de comunicação utilizadas pelo editor – textos e litografias.

D. Miguel Guijarro, editor dessa coleção e de várias publicações literárias e artísticas, desejou e produziu um livro para representar, além da modernidade, a capacidade de produção gráfica e a existência de talentos na literatura e nas artes plásticas da Espanha, na segunda metade do século XIX.

As exposições monográficas não ficaram restritas à fórmula textual de periódicos e nem a cópias de artigos publicados nesses veículos. Foram convidados literatos que produziram artigos com a mesma seriedade com que se dedicavam aos escritos veiculados em periódicos, seus romances particulares ou à atividade política. É perceptível a valorização dos escritores evidenciada nessa coleção. Na folha de

rosto, o editor ressalta que a obra é composta por artigos de literatos considerados renomados por ele – mesmo alguns não sendo tão reconhecidos ou conhecidos – e, em nota, reitera essa informação:

*buscó [o editor] para que formasen el texto a los primeros literatos españoles; que para acompañar dignamente los escritos de estos, buscó a los primeros artistas del país; y que para hacer cortejo honroso á la falange de ingenios distinguidos que acudieron en ayuda su idea, há acumulado los elementos industriales que aquí constan, todos los cuales, absolutamente todos, son españoles.<sup>25</sup>*

Essa referência também aparece em diversos autores que fazem alusão a essa publicação.

A linguagem imagética não ficou atrás. Técnica responsável por revolucionar a imprensa, a litografia constituía-se em referência de modernidade, principalmente em se tratando de estampas coloridas. A exuberância e beleza das cromolitografias embriagam o observador. Além da multiplicidade de cores utilizadas, apresentam-se em tons vibrantes e em variedade de detalhes admiráveis, principalmente por tratar-se de desenho e processo manuais de coloração.<sup>26</sup> Pode-se considerar que os temas abordados associados à estética *costumbrista* permitem que os receptores/observadores possam se reconhecer nas imagens – e textos – porque essas não estão destituídas de sentido e transmitem elementos e cenas comuns, familiares para quem vê; a coleção apresenta tradições, usos, costumes, tipos, trajes, aspectos sociais e morais de cada uma das regiões.

A produção dessa coleção constituiu-se também em resposta a outra particularidade da Espanha, que é a adoção de hábitos e costumes estrangeiros. Alguns autores consideram tal prática como um complexo de inferioridade presente nas estruturas mentais do povo espanhol.<sup>27</sup> A nota que antecede o Prólogo da coleção, escrita por D. Miguel Guijarro, demonstra como essa publicação também tem o sentido de dar resposta a provocações que sugeriam não ter a Espanha condições de produzir uma obra dessa magnitude (como já era feito em outros países). “*De hoy en más, no podrá decirse de España que carece de medios para llevar á cabo obras literarias y artísticas que sostengan parangon com las más bellas de otras naciones.*” Por esse motivo, o editor faz questão de reafirmar que essa coleção constitui-se em uma obra genuinamente espanhola: “*(...) los primeros literatos españoles (...) busco á los primeros artistas del país (...) los elementos industriales que aquí constan, todos*



*los cuales, absolutamente todos, son españoles.*<sup>28</sup> Referência semelhante aparece quando são descritas e representadas nas litografias as vestimentas das mulheres, tanto na América, quanto na Espanha. Aquelas que faziam uso da moda francesa eram consideradas elegantes por usarem estilos apropriados a uma “dama da sociedade” – como eram chamadas as mulheres pertencentes ao meio social mais elevado na Espanha, e as descendentes de espanhóis que viviam nas ex-colônias.<sup>29</sup>

Para Fernando Diaz-Plaja, neste momento, moda e gastronomia foram dois aspectos da cultura espanhola tocada pelos hábitos franceses. Cozinheiros vinham da França e disseminavam a idéia de que o espanhol comia mal. Vivia-se um constante enfrentamento dos hábitos e dos costumes com aqueles vindos de fora.<sup>30</sup>

### **Costumbrismo: as obras**

Da mesma forma, há que se considerar que *Las mujeres* espanholas foi inspirada em obras já existentes em outros países, no tocante à sua natureza e ilustração dos hábitos e costumes.

Na Espanha, o *costumbrismo* como gênero artístico fez parte da história da literatura daquele século, da produção iconográfica, teatral e se consagrou por descrever tipos sociais – mulheres e homens – em seus hábitos, costumes, usos, trajes, tradições e por apoiar-se nas experiências específicas do ambiente retratado. Em diversas produções espanholas foi utilizado para apresentar cenas do cotidiano e do comum, mas também para questionar e revelar conflitos nacionais vivenciados nesse território na segunda metade do século XIX.

Esse gênero literário remonta aos séculos XVII e XVIII espanhóis.<sup>31</sup> Entre as obras desse período estão *Guia y Avisos de forasteros, adonde se les enseña a huir de los peligros que hay en la vida de la Corte*, de autoria de Antonio Liñán y Verdugo em 1620, *Los peligros de Madrid*, por Bautista Remiro de Navarra em 1646, *Recetas morales, políticas y precisas para vivir en la Corte*, de Gómez Arias em 1742, *Los fantasmones de Madrid y trampas de estafermos*, editado em quatro volumes por Ignacio de la Erbadá entre 1761 e 1763, e *Madrid por adentro y el forastero instruído y desengañado*, livro anônimo publicado em 1784.<sup>32</sup>

As coleções *costumbristas*, com a particularidade de representar os hábitos e costumes, cenas e tipos, são uma especificidade das edições dos oitocentos e marcaram grande parte das produções artísticas desse momento. Na primeira metade desse século, já era possível encontrar produções com essa característica,

principalmente em periódicos, e, se levados em consideração os episódios de cortes e censura à imprensa, só mesmo na outra metade é que esse gênero se propagará com mais facilidade.<sup>33</sup> Depois da Revolução de 1868, em função da transformação social e de outras formas de fazer literatura, a produção de caráter *costumbrista* começou a decrescer – embora ainda tenha vigorado até parte do século XX.<sup>34</sup>

A partir de meados do século XIX, uma gama de coleções de caráter *costumbrista* apareceu e ajudou a compor a produção literária espanhola e também de vários outros países. A primeira publicação na Espanha trata-se do livro que começou a veicular em fascículos semanais, a partir de 1843, pela casa editorial de Ignacio de Boix em Madri, denominado *Los españoles pintados por sí mismos*, editado por Ramon Mesonero Romanos.<sup>35</sup> A inspiração veio das publicações francesas denominadas *Les enfants peints par eux mêmes* - editada em Paris, no ano de 1840 – e *Les enfants peints par eux mêmes, types, caracteres et portraits de jeunes filles* (de Paris, em 1841).<sup>36</sup> Além dessa há outra obra que apresenta a mesma perspectiva, inglesa, intitulada *Heads of the people: or, portraits of the English* (publicada na década de 1840)<sup>37</sup> que também influenciou a produção espanhola.

Em 1871, *Los españoles pintados por sí mismos* foi reeditado e contribuiu para o cenário literário juntamente com várias outras coleções que apareceram nesta linha. Nesse mesmo ano de 43, houve a tentativa de produção de uma obra semelhante, intitulada *El álbum del bello sexo o las mujeres pintadas por sí mismas*, mas não logrou muito êxito. De acordo com Cremades, somente dois escritores entregaram seus textos – Gertrudis Gómez de Avellaneda, com *La dama de gran tono*, e Antonio Flores, com *La colegiala*.<sup>38</sup>

Essa tipologia de publicação, a saber, coleções retratando costumes, incidiu também em produções fora da Espanha. No ano de 1852, foi editada em Havana *Los cubanos pintados por sí mismos*<sup>39</sup>, assim como outros países hispanoamericanos também se interessaram pelo gênero literário *costumbrista*. No México, apareceu o livro *Los mexicanos pintados por sí mismos* por Gaspar y Roig em 1851.<sup>40</sup>

Voltando à Espanha, nas décadas de 1870 e posteriores, além de *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, editada por Miguel Guijarro, apareceram *Las españolas pintadas por los españoles*, em dois volumes publicados em 1871 e 1872, *Los españoles de ogaño*, também em duas partes no ano de 72, *Madrid por dentro y por fuera*, em 1873, *Los hombres españoles, americanos y lusitanos pintados por sí mismos* e *Las mujeres españolas, americanas y lusitanas pintadas por sí mismas*, ambas no ano de 1882, e *Madrid y advertencias de forasteros*, obra de Manuel

Ossorio y Bernard, escrita em 1892.<sup>41</sup> Nesse mosaico ainda aparecem produções regionais como *Los valencianos pintados por sí mismos*, editado em Valência no ano de 1859 e *El álbum de Galicia*, em 1897, última publicação de coleção *costumbrista* do século XIX.<sup>42</sup>

O gênero *costumbrista* carrega em seu bojo grandes nomes da literatura oitocentista espanhola. Entre eles encontra-se Mesonero Romanos, Mariano José Larra, Serafín Estébanez Calderón e Pedro Antonio de Alarcón – que escreveu na obra aqui abordada o artigo sobre *la mujer de Granada* -, Juan Valera – também colaborador com o texto retratando *la mujer de Cordoba* -, José Maria de Pereda, Benito Pérez Galdós, Emília Pardo Bazán, Blasco Ibañez – com uma fugaz aparição nesse gênero -, Fernán Caballero, entre outros.<sup>43</sup> São autores de romances – *novelas* – mas também de artigos veiculados em periódicos e revistas. Há também uma grande participação desses nomes, nessas coleções de costumes e, segundo Cremades - que as define como “magnas coleções de tipos e cenas” -, essa colaboração obedece a várias razões, entre elas a remuneração lucrativa e a divulgação do nome do escritor.<sup>44</sup> De acordo com esse estudioso do tema, muitos romances, personagens, cenas e espaços descritos por expoentes da literatura espanhola surgiram ou foram inspirados nos textos escritos por eles para compor as já citadas coleções. É o caso, por exemplo, dos romances *El niño de la Bola*, de Pedro Antonio Alarcón, *Juanita la Larga*, de Juan Valera, *Fortunata y Jacinta*, de Benito Pérez Galdós, e *Los pazos de Ulloa* e *La madre naturaleza*, de Emilia Pardo Bazán.

Os periódicos ou revistas constituíram-se nos veículos condutores que mais divulgaram e receberam esse tipo de literatura. Encontram-se produções *costumbristas* na revista *Cartas Españolas*,<sup>45</sup> *El Semanario Pintoresco Español*, *El Laberinto*, *El Museo de las Familias*, *El Museo Universal*, *El Imparcial*, *El Globo*, *Madrid Literario*, *El Eco da Europa*, *La Nación*, *La Ilustracion de Madrid* e *La Ilustración española y americana*<sup>46</sup> – onde os mais famosos publicavam e recebiam homenagens<sup>47</sup> –, e também o *El Álbum Pintoresco*, *La Iberia*, *La América*, *La Ilustración Universal*<sup>48</sup> e outros.

Várias são as nuances que caracterizam esse gênero – além de configurar-se como descrição de tipos, cenas, hábitos, costumes, trajes –, mas a questão nacional e a defesa do elemento tradicional/regional são preponderantes, além do destaque para a realidade social do país ou região/ões retratada/s.

O *costumbrismo*, gênero de amena literatura, segundo Manuel Alonso Martínez<sup>49</sup>, foi matéria que valeu reflexão para diversos estudiosos. De acordo com Aracil, a vigência e influência dessa estética foi longa. Demonstra que o que se vê nas coleções que retratam costumes é a vida social espanhola através da descrição de determinados tipos sociais, publicações estas sempre enriquecidas com a participação de romancistas famosos. A descrição dos detalhes é a forma de expressão encontrada para - geralmente - mostrar o belo, o pitoresco, o agradável e os aspectos tradicionais da localidade apresentada.<sup>50</sup> Para Cremades, o traço característico dos autores que escreveram a partir desse gênero é a xenofobia, perceptível na defesa da nação e da tradição nacional/regional/local. Além de retratar quadros sociais, aparecem os aspectos políticos e culturais. Mas, segundo esse pesquisador, se em Larra e outros escritores existia um fundamento ideológico para o *costumbrismo*, com o passar do tempo se converteu em descrição de usos e costumes, como é o caso das coleções que surgiram na década de 1870.<sup>51</sup>

Outro autor, Ballester, ao refletir sobre o *costumbrismo* na pintura da Catalunia, argumenta que ali vigorou uma vertente patriótica que evidenciava o caráter local e folclórico do mundo dos pastores e pescadores dessa região. Percebeu uma exaltação da pátria – tradicional e arcaica no sentido da conservação das raízes, contrária aos elementos da modernidade - e do trabalho.<sup>52</sup> Para Mercadal, esse gênero retrata o físico e o moral e os escritores geralmente discorrem e descrevem sobre seus conterrâneos e sua terra natal.<sup>53</sup> Areal, em sua obra *Pueblos, hombres y cosas de Castilla*, dedicou-se a fazer um relato de sua viagem a Valladolid e conta como sentiu a viagem, os lugares por onde passou, sua percepção dos costumes, cotidiano, hábitos, valores e religiosidades do povo. Ao ocupar-se com o estudo dos costumes, definiu: “*son diversos aspectos de los pueblos, las personas, las casas*”.<sup>54</sup>

Montesinos estudou a conexão entre esse gênero e a novela espanhola. Demonstrou que o *costumbrismo*, a partir de suas características e formas, esteve presente nos romances, além de ter sido educador dos gostos e da sensibilidade dos literatos. No entanto, observou que ao mesmo tempo em que essa influência se fez viável, colocou também diversos limites, em função de sua vacuidade, do gosto pelas exterioridades, deixando as novelas quase vazias de conteúdo.<sup>55</sup>

À literatura *costumbrista*, para Riba, pode-se atribuir diversos sentidos e características, como a tendência social, criação de tipos, almas e situações. Para ele, esse gênero manifestou-se como uma reação romântica enraizada no espírito regional e popular. Observa que, no sul da Espanha, surgiu uma escola de artistas

antiacadêmicos e antipuristas, amantes do popular e renovadores do gênero pitoresco, com vasta raiz romântica.<sup>56</sup>

### **Algumas considerações sobre *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas...***

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, por tratar-se de uma produção que revela saberes no campo da escrita e no aspecto iconográfico, toca os imaginários sociais pela sua característica imagética e pedagógica, por exprimir o engenho e a produção humana num determinado momento histórico, mas também pela particularidade política que apresenta.<sup>57</sup>

Pode-se considerar que essa coleção posiciona-se, na sociedade daquele momento, entre a sensibilidade artística, o pragmatismo, posturas e anseios políticos. Sua complexidade está no fato de permitir que os expectadores, além de observarem o belo, possam se reconhecer e conhecer aos outros. A peculiaridade é representada por constituir-se em concepção individual e expressões coletivas, reflexo da conjuntura artística, histórica e política da época em que foi produzida.

A obra, em toda a sua extensão, carrega os elementos da história da Espanha daquele momento. Toca na intrincada questão nacional, nas rivalidades vivenciadas com outras nações – mais especificamente com a França –, na diversidade de ideologias e posicionamentos políticos cujas particularidades estão explícitas nas regências, reinados e guerras civis. Em termos estéticos, o gênero *costumbrista* foi utilizado para falar de pertencimento, sentimento e caráter nacional, sem fazer uso de instrumental político convencional. Como técnica, a litografia colorida simbolizou uma “era de evolução” na forma de representar e ilustrar pensamentos e tudo o mais que refletia e disseminava a Espanha oitocentista.

Assim, a atribuição de sentido a ela pode ser feita a partir de seu próprio contexto, porque reflete engenho, empreendimento, sensibilidade, desfrute, liberdade, modernidade, aperfeiçoamento técnico, identidade, transformação, conhecimento, compreensão, concepções, características nacionais, desejos e expectativas.

Recebido para publicação em setembro de 2009.

Aprovado para publicação em setembro de 2009.

## Notas

- <sup>1</sup> Esta coleção foi utilizada como fonte e objeto no trabalho de doutorado intitulado “*Costumbrismo, hispanismo e caráter nacional em las mujeres españolas, portuguesas y americanas: imagens, textos e política nos anos 1870*”, realizado na UNESP, campus de Assis/ Programa de Pós-graduação em História. A tese encontra-se disponível para consulta no CEDAP/Assis, Biblioteca da mesma instituição e CDPH/UEL.
- <sup>2</sup>ARIAS SOLIS, Francisco. **Amos De Escalante**. Disponível em [http://foros.hispavista.com/demo\\_board/3/741903/m/amos-de-escalante-por-francisco-arias-solis/](http://foros.hispavista.com/demo_board/3/741903/m/amos-de-escalante-por-francisco-arias-solis/). Acesso em: 06 out. 2008.
- <sup>3</sup> Cf. ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo**. Homenaje a Jean-François Botrel. Presses Universitaires de Bordeaux, 2005. pp. 151-163.
- <sup>4</sup> A palavra “litografia” vem do grego “lithos”, que significa pedra, e da palavra “grafia”. In: **Técnicas litografia**. Disponível em: [http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2\\_lito.html](http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html). Acesso em: 14 maio. 2004. Diz-se que a pobreza, as intempéries, o espírito combativo e a persistência levaram Alois Senefelder a descobrir a litografia. “O artista compôs um verniz de gravador tendo a cera, o sabão e a aguarrás como base; estendia esta composição sobre a pedra polida como se ela fosse uma chapa de cobre; depois gravava, dando-lhe logo após um banho de água-forte, em seguida tirava as provas numa velha prensa, utilizando para tal, uma tinta com certa mistura de óleo e linhaça (...) e uma pequena parte de creme da Tartária. Por fim, limpava-a cuidadosamente com água alcalinada (...)” Mas as provas não lhe agradavam e, mais para frente, descobriu a “(...) acção activa do ácido sob o tampão enegrecido pela tinta de imprensa.” GRAÇA, Renato da Silva. **Breve história da litografia: sua introdução e primeiros passos em Portugal**. Portugal: a litografia de Portugal, 1993. pp. 18-19.
- <sup>5</sup> BLANC, Charles. **Gramatica de las artes del dibujo: arquitectura, pintura, escultura, grabado, aguafuerte, xilografia, litografia, aguatinta, medallas, camaieu**. Buenos Aires: Editorial Victor Lerú, 1947. p. 670.
- <sup>6</sup> Sobre essas questões ver: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. SP: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1) e **Técnicas litografia**. Disponível em: [http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2\\_lito.html](http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html). Acesso em: 14 maio. 2004.
- <sup>7</sup> Cf. CALDERON, E. Correa. (org). **Costumbristas españoles**. Autores correspondientes a los siglos XIX e XX. Tomo III. Madrid: Aguilar S. A de ediciones, 1951, e **Costumbrismo (artículo de costumbres)**. Disponível em: [http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz\\_id=4367](http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=4367). Acesso em: 10 out. 2008.
- <sup>8</sup> Sobre essa questão ver ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionária (1808-1874)**. Madrid: Alianza Editorial, 1983. pp. 363 - 381.
- <sup>9</sup> BOTREL, Jean-François. **Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX**. Tradução do francês por David Torra Ferrer. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirâmide. D.L., 1993. pp. 98, 289-290.
- <sup>10</sup> MORATO, Juan José, apud BOTREL, Jean-François. **Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX**. Op.cit. p.179. Também há que considerar que para este quadro contribuíram o reforço de produção de papel e sua conseqüente revolução – do papel de tecido, fios para o de pasta de madeira - e o desenvolvimento da comunicação por escrito, em função da alfabetização e elevação do nível cultural. Quanto à questão do papel, pelo fato de a Espanha não ser autossuficiente, os preços ainda ficaram altos e somente no final do século XIX e início do XX é que este problema foi amenizado. pp.180, 184, 185 e 206.

- <sup>11</sup> BOTREL, Jean-François. **Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX**. Op.cit. pp.183, 224, 229 e.234.
- <sup>12</sup> Id. Ibid., p.281.
- <sup>13</sup> Id. Ibid., p.283. Uma lei promulgada em 1879 recuperou parte da liberdade de imprensa, determinando que somente folhas soltas, folhetos e encartes necessitariam passar pela censura para poder circular. Uma curiosidade é que, em função disso, alguns editores e impressores inflavam os folhetos até chegar às 201 páginas para burlarem a censura. No quesito imprensa, somente em 1883, os espanhóis recuperaram seus direitos integrais de publicação. p.285.
- <sup>14</sup> Id. Ibid., p.343.
- <sup>15</sup> MARTÍNEZ CUADRADO, Miguel. **La burguesía conservadora (1874-1931)**. Madrid: Alianza Editorial, 1986. De acordo com Cuadrado, em 1874, com a Restauração a Espanha passou por uma fase contra-reformista, retornando a censura e somente em 1883 houve a reabertura dos direitos de expressão, através da *Ley de Policía de imprenta de 16 de julio de 1883*, (até a sua derrubada com o regime do General Franco). pp. 65-68, 301 e 543.
- <sup>16</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. Op. Cit. pp.166-167.
- <sup>17</sup> CONTRERAS, Juan de. **História del Arte Hispanico**. 1ª. Edição. Barcelona; Madrid; Buenos Aires; Mexico; Rio de Janeiro: Salvat Editores, S.A., 1949. pp. 325 e 328. Vale lembrar que a França, que muito influenciou a Espanha no século XIX, em vários aspectos, também neste início de século utilizou este procedimento com grande êxito. Editou vários cadernos, com estampas e textos que muito agradavam a população.
- <sup>18</sup> Faz-se necessário considerar que tais publicações, exceto os periódicos, caracterizavam-se em obras com preços elevados, impossibilitando sua aquisição por grande parte da população. Nas maioria das vezes, era a própria classe instruída que podia adquiri-las. Por outro lado, há que se considerar o fato de que as classes sociais mais abastadas não viviam isoladas do resto da sociedade e também que a leitura nem sempre era um ato individual, mas muitas vezes coletivas e, dessa forma, tanto o produto quanto seu conteúdo podia chegar a um número maior de receptores. No caso da Espanha, como ação da política de proteção e estímulo, havia um grande investimento por parte do Ministério do Fomento, que adquiria obras científicas, literárias e artísticas que ficavam depositadas em bibliotecas populares. Cf. BOTREL, Jean-François. **Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX**. Op. cit. p.294.
- <sup>19</sup> Um dos exemplos refere-se a Enrique Pérez Escrich. Este escritor possuía contrato firmado com Guijarro que, por sua vez, comprometia-se a publicar todas as suas produções. Nesta época em que eram limitados os direitos dos autores, os editores possuíam muito mais vantagens no movimento de transmissão, divulgação das produções escritas. Entre os indícios que atestam o seu reconhecimento e fama como editor, estão os números de obras publicadas – conforme referências constantes na Biblioteca Nacional de Madrid – e a quantidade de autores famosos que publicavam seus escritos nesta Casa Editorial ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo**. Homenaje a Jean-François Botrel. Op. cit. pp. 151-163.
- <sup>20</sup> ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. pp. 151 e 155. Com a finalidade de marcar a abrangência do seu empreendimento, em 1882 publicou o catálogo da própria imprensa e livraria denominado *Catálogo de obra de fondo y surtidos de la Librería y Casa Editorial*. Abarca os domínios da casa editorial, que vai desde publicações

- literárias, satíricas, até de divulgação científica (com 50 estudos médicos e títulos relacionados à medicina). Encontra-se acervado na *Biblioteca de Madrid*. id. Ibid. p. 154.
- <sup>21</sup> ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. p.155.
- <sup>22</sup> Anúncio da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, citado por Marie-Linda Ortega em: ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. p. 155.
- <sup>23</sup> Informações disponíveis em: <<http://catalogo.bne.es/uhtbin/webcat>>. Acesso em: 20 nov. 2008.
- <sup>24</sup> ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. pp. 156 e 157.
- <sup>25</sup> GUIJARRO, Miguel (editor). Nota do editor. In: **Las mujeres españolas, portuguesas y americanas**. Madrid imprenta y librería de D. Miguel Guijarro, 1872. Folha de rosto. (Tomo I)
- <sup>26</sup> Pelo olhar observador de Marie-Linda Ortega, as cromolitografias constituem-se em representações simples, com colorido pobre e, na maioria dos casos, com somente duas cores dominantes. Argumenta, no entanto, que considerando os artistas renomados que as produziram, pela época da publicação e pelo tamanho de cada figura, não deixam de representar um conjunto surpreendente ao qual se pode atribuir o adjetivo “artístico”. ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit p.156.
- <sup>27</sup> O estrangeirismo também foi tratado como um aspecto do comportamento mental dos espanhóis e forma de olhar o outro. O psicólogo Juan José Lopez Ibor escreveu sobre a importância que o homem espanhol dava às produções técnicas e científicas estrangeiras. Considerou que o problema estava na estrutura psicológica desse indivíduo, notadamente marcada por um complexo de inferioridade, o que dificultava que esse homem contribuísse com a ciência moderna. O espírito inventivo, a criatividade do outro era sempre considerada melhor e admirada, enquanto que o nacional ficava inferiorizado. Cf. LOPEZ IBOR, Juan Jose. **El español y su complejo de inferioridad**. Madrid: Ediciones Rialp, S.A, 1954.
- <sup>28</sup> Nota do editor. In: GUIJARRO, Miguel (editor). **Las mujeres españolas, portuguesas y americanas**. Tomo I.
- <sup>29</sup> Mas a luta entre o nacional e o estrangeiro – hábitos franceses - vigorava em toda espécie de costumes, como na literatura (modelo literário vindo de fora adaptado a temas nacionais), nos encontros sociais, no hábito de fumar (adquirido por senhoras da alta sociedade), na educação (maior brandura e carinho e menor rigor na educação e trato com os filhos), no teatro (cópias e adaptações de produções francesas), ou seja, em quase todos os setores da vida dos indivíduos daquela sociedade. Cf. DÍAZ-PLAJA, Fernando. **La vida española en el siglo XIX**. Madrid: Afrodísio Aguado S.A., 1952.
- <sup>30</sup> Id. *ibid*. Nota à parte, nos discursos que compõem a coleção, o que se percebe é um outro entendimento sobre o ímpeto nacional e patriótico: estes são apresentados como inerentes à todas as mulheres – e homens – não importando a posição social.
- <sup>31</sup> Cf. GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España**. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1943. p. 349 e AYALA ARACIL, Maria de los Angeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988. pp.135-143.



- <sup>32</sup> AYALA ARACIL, Maria de los Ángeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX** Op. cit., pp. 136, 142 e 143.
- <sup>33</sup> Sobre as proibições editoriais e a liberdade de expressão, consultar: ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionaria** (1808-1874). Op. cit.
- <sup>34</sup> *Costumbrismo* (artículo de costumbres). Disponível em <[http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz\\_id=4367](http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=4367)>. Op. cit.; AYALA ARACIL, Maria de los Ángeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.
- <sup>35</sup> Diversos autores estudaram ou fazem referência a esta coleção, e entre eles estão: MONTESINOS, José. F. **Costumbrismo y novela: ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española**. Valencia: Editorial Castalia, 1960.; AYALA ARACIL, Maria de los Angeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. Cit.; RUBIO CREMADES, Enrique. Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988; GARCÍA MERCADAL Juan. **Historia del romanticismo em España**. Op.cit.; RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04695044388488372945635/p0000001.htm#I\\_1](http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04695044388488372945635/p0000001.htm#I_1)> Acesso em: 07 nov. 2008.
- <sup>36</sup> MONTESINOS, José F. **Costumbrismo y novela: ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española**. Valencia: Editorial Castalia, 1960. pp. 106-107. Para este autor, em realidade, a publicação espanhola caracteriza-se em um evidente plágio da obra francesa.
- <sup>37</sup> *Heads of the People: or Portraits of the English. Drawn by Kenny Meadows. With original essays by distinguished writers*. London, Robert Tyas, 1840. In: RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. Esta coleção inglesa encontra-se disponível para consulta e visualização no site <<http://www.archive.org/details/headsofpeopleorp00meadiala>>. Acesso em: 17 nov. 2008.
- <sup>38</sup> Enrique Rubio Cremades informa que se trata de obra rara, tendo encontrado somente um exemplar na Hemeroteca Municipal de Madrid. CREMADES, Enrique Rubio. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Cervantes virtual. Op. cit.
- <sup>39</sup> GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España** Op. cit., p. 361.
- <sup>40</sup> RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.
- <sup>41</sup> AYALA ARACIL, Maria de los Angeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit., pp. 135 e 143.
- <sup>42</sup> RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.
- <sup>43</sup> MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Barcelona: Editorial Seix Barral S.A., 1957. pp. 143-144 e RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.; RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. Neste artigo Rubio Cremades revela que houve um corte entre a literatura de costumes de caráter romântico, esta que surgiu na primeira metade do século XIX, que tem como os grandes mestres deste *costumbrismo* romântico Mesonero, Larra e Estébanez, e o posterior desenvolvimento desse gênero, aquele praticado na segunda metade dos oitocentos e muito mais próximo - e de certa forma influenciado – do realismo literário.

- 
- <sup>44</sup> RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX.** Op. cit. p. 151.
- <sup>45</sup> MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX:** historia de la cultura española. Barcelona. Op. cit. p.143.
- <sup>46</sup> RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX.** Op. cit., p. 147.
- <sup>47</sup> Ao pesquisar os escritores que colaboraram com a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, percebe-se a presença de muitos deles escrevendo e sendo objeto de atenção nas páginas da *La Ilustración española y americana*.
- <sup>48</sup> RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX.** Op. cit.
- <sup>49</sup> Assim denomina este gênero literário no artigo que escreveu para a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Burgos*, Tomo I, p. 149.
- <sup>50</sup> AYALA ARACIL, Maria de los Angeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX.** Op. cit.
- <sup>51</sup> RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX.** Op. cit. A crítica deste autor é feita, inclusive, para a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.
- <sup>52</sup> TRENC BALLESTER, Eliseo. Costumbrismo, realismo y naturalismo en la pintura Catalana de la restauración (1880-1893). In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX.** Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.
- <sup>53</sup> GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España** Op. cit.
- <sup>54</sup> FERNÁNDEZ AREAL, Manuel. **Pueblos, hombres y cosas de Castilla.** Madrid: publicaciones españolas, 1956.
- <sup>55</sup> MONTESINOS, José F. **Costumbrismo y novela:** ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española. Op. cit. pp. 12 e 13, 135 e 136.
- <sup>56</sup> MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX:** historia de la cultura española Op. cit., pp. 143-144. A utilização da expressão “pitoresco”, neste contexto, constitui-se em uma reprodução da idéia e sentido dado pelo autor.
- <sup>57</sup> Sobre o domínio do Imaginário como um lugar estratégico de poder, ver BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.